

BARROS, Brasil Fernandes de. A busca de Kardec: fé ou razão. Curitiba: CRV, 2022. 232 p. ISBN 978-65-251-3981-4.

Luís Jorge Lira Neto*

A necessidade de pesquisas que cubram lacunas do contexto sociocultural da formação do Espiritismo, na França do século XIX, se faz premente para a compreensão da ambientação do pensamento racionalista de uma época marcada pela crítica positivista que exigia a substituição da religião pela ciência, provocando um acirramento do conflito entre Ciência e Religião. Na forma de uma linha histórico-discursiva, a obra resenhada auxilia na compreensão do contexto sob qual o pedagogo Allan Kardec empreendia sua busca por uma reforma religiosa aos moldes do pensamento racionalista de sua época, na qual seria possível a fé ter a razão como base, seu atestado identitário para os pressupostos seculares do século XIX, que não admitia a metafísica, entendida como obsoleta, especulativa, abstrata e fantasiosa, fora do domínio das ciências, e que estivesse isenta do misticismo, do sobrenatural e da magia, mas sem inibir a religiosidade imanente na humanidade, seja como fato cultural ou como ato simbólico da psiquê humana. Curiosamente, utilizou da própria tese científica para afirmar novos conhecimentos, o que deixa transparecer uma união metodológica do materialismo com o espiritualismo.

O autor, Brasil Fernandes de Barros é Doutor e Mestre em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, com Doutorado

Resenha submetida em 09 de abril de 2024 e aprovado em 31 de agosto de 2024.

* Mestre em Economia e Doutorando em Ciência da Religião pela Universidade Federal de Pernambuco. Graduado em Engenharia Elétrica pela Universidade de Pernambuco (1982). Brasil. ORCID: 0000-0003-4164-5860. E-mail: luis.lira.al@gmail.com.

Sanduiche na Boston University é graduado em Administração de Empresas pelo Centro Universitário UNA e Licenciado em Filosofia pela UNINTER. Foi professor de cursos livres de pós-graduação *latu sensu* pelo IETEC - Instituto de Educação Tecnológica de Minas Gerais. É editor associado da Revista Horizonte e da Revista Interações e membro do Grupo de Pesquisa REPLUDI (Religião, Pluralismo e Diálogo) do Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da PUC-Minas e membro do Grupo Política Ideologias e Religiões CNPq. Tradutor da língua inglesa e espanhola para o Português.

O livro está organizado em quatro partes, subdivididas em nove itens, além de prefácio, prólogo e introdução. A temática central é contextualizar a procura pelo fundador do Espiritismo, Allan Kardec, de uma proposta conciliatória para o dilema da modernidade entre Fé e Razão, como uma síntese do conhecimento humano, que tenha por base a epistemologia das ciências naturais (o termo razão) e que contemple a revelação divina (o termo Fé). O próprio título do livro *A Busca de Kardec: fé ou razão* traduz bem o esforço do fundador do Espiritismo na construção de uma proposta-síntese que distensionasse esse conflito com o uso de método de experimentação científica aplicado ao objeto Espíritos e suas relações com mundo corpóreo. No seu entendimento, esses fenômenos psicológicos ou da alma, de percepção subjetiva, antes pertencentes à esfera da Filosofia ou da Teologia, eram passíveis de estudos científicos.

A primeira parte com o tema O Codificador do Espiritismo, organizado em quatro itens que contextualiza o entorno do cidadão Rivail, sobrenome do pedagogo francês, Hippolyte Léon Denizard Rivail, conhecido mundialmente pelo pseudônimo de Allan Kardec. Como as ideias e pensamentos que marcaram o século, formaram essa personalidade e, por conseguinte, a estrutura de sua pesquisa. Cita como principal influência, os pensamentos revolucionários do Iluminismo francês, junto aos de Francis Bacon, René Descartes e Jean Jacques Rousseau, ou seja, filósofos que marcaram seu tempo, os dois últimos deram uma feição especial à filosofia francesa.

Esta parte inicial se desenvolve com a narrativa descritiva dos ecos da Revolução Francesa ressoando na França oitocentista. Instável política e socialmente, convulsionava entre impérios, repúblicas, comunas entrincheiradas

e a Questão Social por fundo. Passa a descrever a linha histórica de Rivail, com o uso de dados biográficos até então inéditos, faz ajustes em lacunas e distorções devido à escassez de fontes, se detém na formação religiosa e na influência do pedagogo suíço Henri Pestalozzi, mestre de Kardec. O autor aborda o pensamento positivista e cientificista que assolava o ambiente intelectual francês, mas o faz pela análise do método indutivo defendido por Francis Bacon, pela análise discursiva da Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, e pela linha sucessória entre Rivail e Pestalozzi e deste com Rousseau, sob o influxo do lema revolucionário: Liberdade, Igualdade e Fraternidade. Conclui esta parte com as demais influências das ciências da época, com destaque para o Mesmerismo e a importância das ciências naturais nas obras fundamentais de Kardec.

A segunda parte, é o núcleo do objeto da obra. Depois de bem contextualizar a formação do personagem Rivail, passa a analisar o significado de religião em Allan Kardec, desdobrado em três itens. De início, trata do problema do conceito do termo religião, seguindo em duas linhas etimológicas para a palavra: a clássica *religio/relegere* empregada pelo orador romano Cícero – como significado de “escrúpulo em fazer o culto” e a *religare* utilizada pelo cristão Lactâncio – no sentido de religar-se à Deus, termo este que prevaleceu no mundo cristão, sendo empregado tanto ao judaísmo, ao cristianismo e ao islamismo, consideradas “religiões universais”, de tipologia semelhante devido à influência da linguagem e cultura do pensamento hegemônico ocidental. Muito embora, não haja um consenso sobre o significado do termo religião, podendo assumir característica mais cultural ou sociológica a depender do viés analítico. O autor elegeu os conceitos de Lactâncio, Greschat, Geertz e Benson Seler para cotejar com o do Espiritismo.

No item Kardec e a religião discorre sobre a discussão no movimento espírita da identidade do Espiritismo, em ser uma ciência filosófica ou uma religião, replicando o dilema da modernidade entre Fé e Razão. Diz que, apesar de Kardec colocar na obra fundante do Espiritismo – *O Livro dos Espíritos*, o subtítulo Filosofia Espiritualista, a maioria dos espíritas no Brasil se apresenta como seguidor da “religião espírita” (vide respostas dos Censos). Na sua análise, o embate ocorre em função das afirmações de Kardec sobre o caráter do

Espiritismo, que variou ao longo do processo de consolidação da Doutrina Espírita (1857-1868). Em 1859, ele declarou que o Espiritismo não era religião, mas uma “doutrina filosófica”, de consequências religiosas ou morais. Depois, passou a dizer que o Espiritismo era o maior auxiliar das religiões, e por fim, em 1868, que o Espiritismo seria uma religião no sentido filosófico. Esse aparente conflito legou ao Espiritismo um problema futuro de identidade.

Dado esse fato diacrônico com característica de dualismo, Barros buscou na literatura uma conceituação que dirimisse esse conflito, partindo de um referencial teórico que esclarecesse a questão do ponto de vista da cultura. Identifica no pensamento de Allan Kardec uma perspectiva secularizada aplicada aos estudos dos fenômenos espíritas (iniciado nas mesas girantes) e no incentivo à liberdade de pensamento quer científico ou religioso. Estabelece um comparativo entre as afirmações de Kardec, que coloca o Espiritismo e religião em campos separados mais complementares, com a definição de religião do antropólogo Glifford Geertz, que a conceituou como ato simbólico cultural. Analisa o conceito de religião em Kardec que estava associado às famílias do Cristianismo (a católica e a protestante), o que justifica as afirmativas de que o Espiritismo não era religião, por não ter ritos, símbolos ou sacerdotes e não estava em seus propósitos fundar uma “nova religião”, mas oferecer elementos para uma “reforma religiosa” que unificasse as crenças. Conclui a segunda parte com o estudo sobre o entendimento do Sagrado para Kardec, dialogando com a conceituação de Mircea Eliade e Rudolf Otto. Para Kardec, não há hierofanias devido à naturalização do sagrado e da metafísica, tudo está na categoria de fenômeno natural, susceptível à investigação científica para compreendê-lo, mas o conhecimento, por enquanto, é limitado em relação à Divindade.

Na terceira parte, estendida em dois itens, Barros apresenta o Espiritismo como uma alternativa religiosa que provocou reações da Igreja Católica, que ocorreu logo de início, com a publicação de artigos, em 1859, no jornal *L'Univers*, de autoria do Abade François de Chesnel, que tratou o Espiritismo como uma Nova Religião que surgiu em Paris. Kardec rebateu essas ideias através de artigos na *Revista Espírita* e em capítulo do livro *O Que é o Espiritismo*, também de 1859. O Abade reconheceu a consideração do Espiritismo para com o

Cristianismo, mas o acusou de praticar necromancia na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, presidida por Kardec e, também, por arregimentar adeptos do catolicismo. É nesse contexto que Kardec afirmava que o Espiritismo não era uma religião por ser destituído dos elementos constitutivos de uma religião tradicional.

O autor relata o fato mais importante no conflito com a Igreja Católica, o Auto de Fé de Barcelona, ocorrido em 1861, quando o bispo da cidade apreendeu trezentos livros e brochuras espíritas e as fez queimar em praça pública, à feição dos autos de fé da inquisição, o que causou reação da imprensa espanhola e aguçando a curiosidade pelo Espiritismo naquele país. A questão com a Igreja não ficou restrita a esses atos, outros eventos foram assinalados pelo autor demonstrando que o embate seguiu, praticamente, por todo o período de atuação de Kardec (até 1869) com publicações de artigos e livros. Informa, ainda, sobre a ideia de Kardec de realizar uma reforma religiosa para unificar as crenças, desde os tempos de estudos no educandário de Henri Pestalozzi, em Yverdon. Fato este, colocado em sua primeira biografia publicada em 1867, no *Nouveau Dictionnaire Universel*, cujo responsável era seu amigo Maurice Lachâtre,

Finaliza essa parte, com o confronto entre o Espiritismo e outras correntes de pensamento espiritualistas contemporâneas, os ocultistas e os psicólogos. Estas correntes afirmavam que os fenômenos espirituais não tinham por agentes os espíritos, atribuíam estes fenômenos a surtos histéricos e transe hipnóticos. Menciona a obra *História do Espiritualismo* de Arthur Conan Doyle, que discorre sobre o Novo Espiritualismo advindo das Américas e o de Allan Kardec, o Espiritismo, como definido pelo seu criador. Conclui que Espiritismo francês tinha uma tendência em tornar-se religioso dado a característica de incutir o ideal iluminista sem relegar a religiosidade, mas quando se transpôs para as terras brasileiras assumiu o caráter de religião, levando junto a discussão entre os científicos e os místicos.

A última parte é a conclusão do trabalho, com as seguintes constatações do autor: i) o conceito de religião em Kardec foi influenciado pelas correntes de pensamento do iluminismo e do positivismo, no século XIX, o que pressupõe a negativa de Kardec em considerá-lo uma nova religião. Por outro lado, percebe-

se uma contradição quando afirmava que a doutrina teria consequências religiosas; ii) Kardec tinha como referencial para o conceito de religião a estrutura da Igreja Católica e da Igreja Protestante, uma ideia do tradicionalismo religioso europeu, caracterizada por ritos, cultos, símbolos, templos e sacerdócio; iii) a intencionalidade presente em Kardec de fazer uma reforma religiosa que unificasse as diversas correntes religiosas; iv) a proposta de Kardec para solução do conflito da modernidade entre fé e razão tinha uma situação indefinida, de início uma doutrina-filosófica e depois de algum tempo, se afirmar como uma religião no sentido filosófico. Alguns acadêmicos consideram o Espiritismo uma *quase-religião* ou um *entre-lugar*, o que levou a formação de disputas polarizadas, reverberando o dilema Ciência e Religião, principalmente no Brasil; v) apesar de Kardec não ter a intenção de fundar uma religião, o próprio objeto do Espiritismo, estudar a natureza dos espíritos e suas relações com o mundo material, são fatos do campo religioso e da metafísica que o qualificam como religião pela elasticidade do conceito moderno de religião, que alcança outras expressões de espiritualidades, na qual, pode se inserir o Espiritismo, malgrado a interpretação dada pelo seu fundador Allan Kardec.

O estudo demonstra que o Espiritismo foi influenciado desde sua constituição pelo pensamento racionalista advindo da era Moderna e não fugiu ao impacto da dialética Razão e Fé, ainda que caracterizado pelo seu fundador como uma Ciência Filosófica de consequências morais e o maior auxiliar da religião, um mediador entre o pensamento científico e o religioso. Mas, observa-se que desenvolveu característica de religião ao longo do período de sua estruturação. O livro é colaborativo para o debate institucionalizado na academia e pelos profítes, por lançar um olhar crítico e reflexivo sobre os propósitos de Allan Kardec na construção de uma proposta que suportasse uma “Fé inabalável” pela razão, na sua perspectiva.